



ARTIGOS

A última viagem do Mouro*

The Moor's last journey

Marcello Musto**

Resumo

Apoiando-se nas correspondências de Marx, Engels, seus familiares e amigos, o artigo descreve as circunstâncias e acontecimentos dos dois últimos anos de vida de Marx. Destaca-se, particularmente, a viagem de Marx à Argélia, motivada por tratamento médico, cuja importância muitas vezes é negligenciada mesmo em renomadas biografias. O estudo revela preocupações de Marx com a reconstituição da história universal, com a condição dos árabes, com as possibilidades revolucionárias da Rússia e com a sequência de seu trabalho teórico (*O Capital*).

Palavras-chave: Marx; história; biografia.

Abstract

Based on the correspondence of Marx, Engels, their relatives and friends, the paper describes the circumstances and events of the last two years of Marx's life. It focuses particularly on Marx's last trip, to Algeria. Motivated by a medical treatment, the importance of this last trip is usually neglected even in famous biographies. The study discloses Marx's concerns with the reconstitution of the World history, with the condition of the Arab people, with the revolutionary possibilities of Russia and with the sequence of his theoretical work (Capital).

Keywords: Marx; history; biography.

* Traduzido do italiano por Renake B. D. das Neves.

** Professor de teoria sociológica na York University, Toronto, Canadá.

1. A morte da esposa e o retorno ao estudo da história

Em 2 de dezembro de 1881, perto de completar 68 anos, Jenny von Westphalen, a mulher que por toda sua existência esteve junto a Marx, dividindo penúria e paixão política, veio a falecer de câncer no fígado.

Para Marx, foi uma perda irreparável. Pela primeira vez desde 1836, quando, com apenas dezoito anos, apaixonou-se por ela, deu-se conta de que havia ficado sozinho, sem “o rosto [...] que] desperta(va) as maiores e mais doces recordações da [sua] vida”¹ e privado de “seu maior tesouro”².

Para não comprometer, posteriormente, sua já frágil condição, Marx foi proibido até mesmo de ir ao funeral: “a proibição do médico de participar do enterro foi inflexível” – contou, tristemente, à filha Jenny. Ele “resignou-se a [obedecer] essa ordem” pensando nas palavras que sua mulher havia dito à enfermeira antes de morrer, a propósito de lidar com as últimas formalidades: “não somos pessoas que dão valor às coisas exteriores”³. Ao funeral de Jenny von Westphalen compareceu, no entanto, Engels – definido por Eleanor como “de uma gentileza e devoção indescritíveis” (Kapp, 1977, p. 201) –, que, em seu discurso fúnebre, prestou-se a recordar: “se houve uma mulher cuja máxima alegria era fazer os outros felizes, essa foi ela” (Engels, 1989, p. 420).

Após a perda da mulher, ao sofrimento da alma se agrega a dor do corpo. Os tratamentos aos quais teve que se submeter era dolorosíssimos, ainda que os enfrentasse com espírito estoico. Sobre esses, refere-se desta forma para Jenny⁴:

Ainda devo espalhar o iodo sobre o peito e as costas, e isso, quando é repetido regularmente, produz uma inflamação na pele bastante enfiada e dolorosa. Tal operação, que vem sendo executada apenas para prevenir uma recaída durante a convalescência (já finalizada, com a exceção de uma leve tosse), rende-me um grande serviço neste momento. Contra as dores da alma há apenas um antídoto eficaz: a dor física. Compare e contraste, de um lado, o fim do mundo, e do outro, um homem com uma forte dor de dente⁵.

Sua saúde é tão precária que, como escreve ao amigo, e economista russo, Nikolaj Danielson, em um dos momentos mais críticos esteve “muito próximo” a

¹ Karl Marx a Jenny von Westphalen, 21 de junho de 1856 *In*: Marx & Engels (1973a, p. 561).

² Karl Marx a Jenny von Westphalen, 15 de dezembro de 1863 *In*: Marx & Engels (1973b, p. 698). Sobre a vida de Jenny von Westphalen e sua relação com Marx, ver o recente volume de M. Gabriel (2011), Karl Marx a Jenny von Westphalen, 15 de dezembro 1863 *In*: Marx & Engels (1973b, p. 698). Ver também L. Dornemann (1971) e H. F. Peters (1986).

³ Karl Marx a Jenny Longuet, 7 de dezembro 1881 *In*: Marx & Engels (2008, p. 124).

⁴ N. Ed. O autor se refere à filha de Marx, Jenny Marx Longuet.

⁵ Karl Marx a Jenny Longuet, 7 de dezembro de 1881 *In*: Marx & Engels (2008, p. 124).

“voltar as costas contra esse mundo horrível”, agregando que os médicos queriam “mandá-lo para o sul da França ou a Argélia”⁶.

Marx, cuja convalescência foi longa e complexa, foi obrigado a ficar “pregado na cama” por várias semanas, “restrito ao confinamento domiciliar”, como escreveu ao companheiro Sorge, e bem consciente do que estava atravessando: “perde-se, definitivamente, certa quantidade de tempo para as ‘manobras’ de recuperação”⁷.

Apesar das ocorrências destes dramas familiares e das enfermidades, entre o outono de 1881 e o inverno de 1882, ele destinou grande parte de suas energias intelectuais aos estudos históricos. Marx preparou, de fato, uma cronologia comentada, na qual elencou, ano após ano, os principais eventos políticos, sociais e econômicos da história mundial transcorridos desde o século I d.C., recapitulando as causas e as características proeminentes. Ele adotou o mesmo método que já havia utilizado para a confecção das *Notas sobre a história indiana (664-1858)*⁸, apontamentos compilados, entre o outono de 1879 e o verão de 1880, a partir do livro *A história analítica da Índia* [1870], de Robert Sewell (1845-1925). Assim procedendo, ele desejava, mais uma vez, comparar a validade de suas reflexões com os acontecimentos reais que haviam selado os destinos da humanidade. Marx não se focou apenas nas transformações produtiva, mas, renunciando a qualquer determinismo econômico, concentrou-se por longos trechos, e com grande atenção, sobre a decisiva questão do desenvolvimento do Estado moderno⁹.

Para realizar sua cronologia, junto a algumas fontes menores que não foram relacionadas em suas anotações, Marx utilizou, sobretudo, dois textos. O primeiro foi *História dos povos da Itália* (1825), de Carlo Botta (1766-1837), publicado em três volumes em francês, já que este, em 1814, teve que abandonar Turim devido à perseguição do governo de Savóia, restituído no Piemonte após a derrota de Napoleão Bonaparte. O segundo foi *História mundial para o povo alemão* (1844-1857), de Friedrich Schlosser (1776-1861), o qual, publicado em Frankfurt, em 18 volumes, conhece grande sucesso e uma divulgação notável. Tendo como base

⁶ Karl Marx a Nikolaj Danielson, 13 de dezembro de 1881 (*ibidem*, p. 128).

⁷ Karl Marx a Friedrich Sorge, 15 de dezembro 1881 (*ibidem*, p. 129).

⁸ A edição mais recente desses manuscritos é K. Marx, *Notes on Indian history* (2001).

⁹ Cf. M. Krätke (2014-15), o qual afirma que Marx entendia esse processo como o “desenvolvimento, coadunado, do comércio, da agricultura, da indústria da mineração, do sistema fiscal e das infraestruturas” (p. 176). Segundo Krätke, Marx redigiu esses excertos com base em uma convicção amadurecida ao longo do tempo: “dar ao movimento socialista sólidas bases sociocientíficas, mais do que [criar] uma filosofia política”.

essas duas obras, Marx preencheu quatro cadernos. Os resumos, alguns intercalados de brevíssimos comentários críticos, foram compostos em alemão, inglês e francês¹⁰.

No primeiro desses cadernos, ele classificou, em ordem cronológica e por um total de 143 páginas, alguns dos maiores eventos transcorridos de 91 a.C. a 1370. Marx iniciou pela história da Roma antiga, para em seguida abordar a queda do Império romano, a importância histórica de Carlos Magno (742-814), o papel de Bizâncio, as Repúblicas marítimas italianas, o desenvolvimento do feudalismo, as Cruzadas e uma descrição dos califados de Bagdá e Mossul. No segundo caderno, de 145 páginas e com anotações que vão de 1308 a 1469, os principais temas tratados foram os progressos econômicos ocorridos na Itália¹¹ e a situação política e econômica alemã entre os séculos XIV e XV; enquanto no terceiro, nas 141 páginas relativas à época 1470-1580, Marx ocupou-se do choque entre França e Espanha, da República florentina no tempo de Girolamo Savonarola (1452-1498) e da Reforma protestante de Martinho Lutero (1483-1546). Por fim, no quarto caderno, de 117 páginas, ele resumiu a grande quantidade de conflitos religiosos ocorridos na Europa de 1577 a 1648¹².

Junto aos quatro cadernos contendo excertos das obras de Botta e de Schlosser, Marx redigiu ainda outro com as mesmas características; acredita-se que seja contemporâneo aos primeiros e inerente à mesma pesquisa. Nesse caderno, tendo como base o texto *História da República de Florença* (1875), de Gino Capponi (1792-1876), ele ampliou as informações sobre o período 1135-1433, e extraiu novas notas relativas à época 1449-1485, tendo como baliza *História do povo inglês* (1877), de John Green (1837-1883). O estado inconstante de sua saúde não

¹⁰ Na correspondência de Marx não existe qualquer referência a esses estudos e, portanto, é muito difícil estabelecer sua datação exata. Os editores do tomo *Marx Engels Werke*, XIX (1962) enquadraram esses excertos entre “cerca de fins de 1881 e fins de 1882” (pp. 621-622). Maximilien Rubel (2001) afirmou que esses datam, “sem dúvida”, de fins de 1881 (p. 539). Se a primeira hipótese é muito genérica, a segunda também não parece muito precisa, posto que é muito provável que Marx tenha continuado a levar adiante esse projeto, depois de ter realizado a parte mais notável, também em alguns períodos de 1882. Isso é presumível a partir dos diferentes tipos de ênfase que os manuscritos apresentam e da carta enviada à filha Eleanor em 23 de dezembro de 1882. É concebível, portanto, datar esses cadernos somente às duas fases de atividade intelectual dos últimos 18 meses da sua vida, transcorridas entre Londres e a Ilha de Wight: o período do outono de 1881 a 9 de fevereiro de 1882 e aquele decorrido entre o início de outubro de 1882 e 12 de janeiro de 1883. É muito improvável que Marx tenha trabalhado na sua cronologia histórica durante os oito meses de 1882 passados entre França, Argélia e Suíça.

¹¹ Em seu ensaio “Marx und die Weltgeschichte”, Krätke (2014-15), além de oferecer uma ótima reconstrução do conteúdo desses quatro cadernos de notas, sustenta que Marx identificava “no desenvolvimento econômico das cidades-estados italianas, [iniciado] em fins do século XIII [...], o início do capitalismo moderno” (p. 162).

¹² As capas de cada um dos quatro cadernos marxianos apresentam os títulos afixados por Engels durante a reorganização do legado do amigo: “Excertos cronológicos. I: 96 a 1320 *circa*; II: 1300 *circa* a 1470 *circa*; III: 1470 *circa* a 1580; IV: 1580 *circa* – 1648 *circa*”. Seu conteúdo difere ligeiramente em relação às datas indicadas por Engels. A única parte publicada desses manuscritos corresponde a uma ampla seção do quarto caderno. Cf. Marx & Engels (1953, pp. 285-516).

lhe permitiu ir mais longe; suas anotações pararam nas crônicas da paz de Vestfália, em 1648, mais precisamente na assinatura dos tratados que puseram fim à Guerra dos Trinta Anos.

Quando suas condições de saúde melhoraram, tornou-se necessário fazer tudo o que fosse possível para “evitar o risco de recaídas”¹³. Acompanhado da filha Eleanor, em 29 de dezembro de 1881, Marx transfere-se para Ventnor, uma tranquila localidade da ilha de Wight, próxima à qual já havia ido outras vezes no passado. Foi-lhe aconselhado retornar para o “clima quente e o ar seco”, com a esperança que ambos contribuíssem para seu “completo restabelecimento”¹⁴. Antes de partir, escreveu à filha Jenny: “minha querida menina, o melhor favor que me pode fazer é cuidar de si mesma. Espero viver ainda belos dias junto a você e cumprir dignamente com minhas funções de avô”¹⁵.

Em Ventnor, Marx passa as duas primeiras semanas de 1882. Para poder passear, sem muitas preocupações. E ser “menos dependente dos caprichos do clima”, foi obrigado a usar, “em caso de necessidade”, um respirador, cujo uso ele comparou ao de “uma focinheira”¹⁶. Mesmo em circunstâncias tão difíceis, Marx nunca renunciou à sua ironia e, com a filha Laura, comentou que o grande destaque com que, na Alemanha, os jornais burgueses anunciaram sua “morte, ou, em todo caso, sua inevitável aproximação” o havia “divertido muito”¹⁷.

Nos dias que passaram juntos, a convivência entre pai e filha foi bastante complicada. Eleanor, oprimida pelo peso das suas questões existenciais pendentes, ainda era profundamente inquieta, não conseguia dormir e era atormentada pelo temor de que suas crises nervosas pudessem, de novo, piorar dramaticamente. Não obstante o enorme amor que mantinham um pelo outro, naqueles dias a comunicação entre ambos foi muito difícil – o primeiro, “zangado e ansioso”, e a segunda, “antipática e desgostosa”¹⁸.

As péssimas condições físicas de Marx e os problemas de relacionamento com a filha não lhe impediram de continuar a acompanhar os principais acontecimentos da atualidade política. Em consequência de um discurso realizado pelo chanceler alemão diante do parlamento, em que não pudera ignorar a grande desconfiança com que os trabalhadores haviam acolhido as propostas do

¹³ Friedrich Engels a Karl Marx, 8 de janeiro de 1882 *In*: Marx & Engels (2008, p. 141).

¹⁴ Friedrich Engels a Ferdinand Nieuwenhuis, 29 de dezembro de 1881 (*ibidem*, p. 132).

¹⁵ Karl Marx a Jenny Longuet, 17 de dezembro de 1881 (*ibidem*, p. 131).

¹⁶ Karl Marx a Friedrich Engels, 5 de janeiro de 1882 (*ibidem*, p. 138).

¹⁷ Karl Marx a Laura Lafargue, 4 de janeiro de 1882 (*ibidem*, p. 137).

¹⁸ Carta de Eleanor Marx a Jenny Longuet, 8 de janeiro de 1882 *In*: Kapp, (1977, p. 208). Sobre todo o evento, cf. *ibidem*, pp. 208-211. Ver também a carta de Karl Marx a Laura Lafargue, 4 de janeiro de 1882: “a minha companheira não come quase nada, sofre muito de tiques nervosos, lê e escreve o dia inteiro [...]; aparentemente suporta estar comigo apenas pelo senso de dever, como um mártir devotado ao sacrifício” *In*: Marx & Engels (2008, p. 137).

governo¹⁹, ele escreve a Friedrich Engels: “considero uma grande vitória, não apenas diretamente para a Alemanha, mas em geral também para o exterior, que Bismarck haja admitido diante do *Reichstag* que os operários alemães praticamente não dão a mínima para o seu socialismo de Estado”²⁰.

Após o retorno a Londres, a bronquite, agora crônica, obrigou-o, com o seus familiares, a consultar o doutor Donkin, por um longo tempo, sobre a escolha de qual poderia ser o clima mais favorável para a recuperação das suas condições. Para conseguir uma cura completa, impunha-se a estadia em um local quente. A ilha de Wight não havia funcionado. Gibraltar devia ser descartada posto que, para entrar lá, Marx deveria apresentar um passaporte e, apátrida que era, não possuía nenhum. O império de Bismarck estava coberto de neve e, para ele, sempre proibido; já a Itália não se podia tomar em consideração, pois, como afirmou Engels, “a primeira prescrição para os convalescentes é a de evitar as perseguições da polícia”²¹.

Com o apoio do doutor Donkin e de Paul Lafargue, genro de Marx, Engels convenceu este último a dirigir-se para Argel, a qual gozava, à época, de boa reputação entre aqueles que, na Inglaterra, para fugir do rigor dos meses mais frios do ano, podiam se permitir um refúgio (Cf. Badia, 1997, p. 17). Como depois recordou a filha Eleanor, o empurrão para Marx empreender esta insólita peregrinação foi sua antiga obsessão: completar *O Capital*. Ela escreve, de fato:

Seu estado geral piorava continuamente. Se tivesse sido mais egoísta, teria simplesmente deixado que as coisas andassem como queriam. Todavia, para ele havia uma coisa que estava acima de tudo: a devoção à causa. Ele procurou levar a cabo a sua grande obra e por isso concordou, ainda mais uma vez, em fazer uma viagem para ficar são²².

Marx partiu em 9 de fevereiro e, no caminho para o Mediterrâneo, parou em Argenteuil, onde morava a filha Jenny. A partir do momento em que seu estado de saúde não melhorava em nada, apenas uma semana depois decide partir sozinho para Marselha, tendo convencido Eleanor que não seria necessário que ela o acompanhasse. De fato, comentou com Engels que: “por nada no mundo

¹⁹ Cf. *Stenographische Berichte über die Verhandlungen des Reichstags*, 1, Berlin 1882, p. 486. A intervenção de Bismarck decorreu de sua derrota eleitoral nos grandes centros industriais da Alemanha.

²⁰ Karl Marx a Friedrich Engels, 15 de janeiro de 1882 *In: Marx & Engels* (2008, p. 147).

²¹ Friedrich Engels a Eduard Bernstein, 25 de janeiro de 1882 (*ibidem*, p. 150). Em sua opinião, “a Itália oferece(ria) menores garantias que qualquer outro lugar, com exceção, naturalmente, do império de Bismarck”. Cf. também Karl Marx a Pëtr Lavrov, 25 de janeiro de 1882 (*ibidem*, p. 148).

²² Eleanor Marx *In: Enzensberger* (1977, p. 452).

queria que a menina pensasse estar sendo imolada no altar da família como ‘enfermeira’”²³.

Após ter atravessado toda a França de trem, chegou à capital da Provence em 17 de fevereiro. Marx comprou imediatamente a passagem no primeiro navio partindo para a África²⁴ e no dia seguinte, em uma ventosa tarde de inverno, pôe-se em fila com outros viajantes que esperavam embarcar no cais de Marselha. Consigo havia um par de malas, nas quais carregava roupas quentes, medicamentos e alguns livros. O navio a vapor *Said* zarpou às cinco da tarde para Argel²⁵, onde Marx ficou por 72 dias, o único período de sua vida que passou longe da Europa.

2. Argel e as reflexões sobre o mundo árabe

Marx chega à África em 20 de fevereiro, após uma tempestuosa travessia de 34 horas. No dia seguinte, escreve a Engels que seu “*corpus delicti* desembarcou em Argel congelado até a medula”.

Ele hospedou-se no Hôtel-Pension Victoria, na zona do Mustapha superior. Seu quarto, situado em uma posição ideal, com vista para o porto de um lado e com as montanhas da Cabília como horizonte do outro, gozava de um “panorama fabuloso”, oferecendo-lhe a oportunidade de apreciar o “maravilhoso *mélange* entre Europa e África”²⁶.

A única pessoa que conhecia a identidade daquele senhor poliglota, recém-chegado à cidade, era Albert Fermé (?), um juiz de paz, seguidor de Charles Fourier (1772-1837), que chegou a Argel em 1870, após um período de encarceramento devido à sua oposição ao Segundo Império francês. Foi a única verdadeira companhia de Marx, servindo-lhe de guia em suas excursões e respondendo às suas curiosidades sobre aquele mundo novo.

Infelizmente, com o passar dos dias, a saúde de Marx não melhorou absolutamente. Ele continuou a ser perseguido pela bronquite e por uma tosse incessante,

²³ Karl Marx a Friedrich Engels, 12 de janeiro de 1882 *In*: Marx & Engels (2008, p. 142). Sobre Eleanor Marx e sua especial relação com o pai, além do excelente texto de Y. Kapp (1977 e 1980), ver também: C. Tsuzuki (1967), E. Weissweiler (2002); e o mais completo e recente R. Holmes (2014).

²⁴ Cf. Karl Marx a Friedrich Engels, 17 de fevereiro de 1882, “sobre passaporte e coisas similares não se fala nada. Na passagem há apenas o nome e o sobrenome do passageiro escritos” *In*: Marx & Engels (2008, p. 160).

²⁵ Esta jornada na capital argelina nunca despertou atenção particular entre os biógrafos de Marx. O próprio Jacques Attali, de origem argelina, em seu *Karl Marx* (2006), dedicou apenas meia página ao evento, relatando, entre várias imprecisões, que Marx havia ignorado a insurreição de Orano, que durou do verão de 1881 à primavera de 1883 (cf. p. 265). Na obra de M. Vesper (1995), contudo, foram reconstruídos, com grande precisão, todos os eventos que viram Marx como protagonista ao longo de sua estada em Argel. Assinala-se, também, R. Gallissot (1976), e o recente pequeno volume do sociólogo alemão H. J. Krysmanski (2014), inicialmente concebido como roteiro para um filme sobre a presença de Marx em Argel, e nunca realizado por falta de financiamentos.

²⁶ Karl Marx a Friedrich Engels, 1º de março de 1882 *In*: Marx & Engels (2008, p. 171).

que lhe provocava insônia. Conjuntamente, o clima excepcionalmente frio, chuvoso e úmido no qual estava envolvida Argel favoreceu um ataque de pleurite. Sobre a cidade abateu-se o pior inverno dos últimos dez anos e Marx escreveu a Engels: “a única diferença entre a vestimenta que uso em Argel e a da ilha de Wight é que substituí meu casaco de rinoceronte por um casaco mais leve”. Ele chegou mesmo a considerar a hipótese de se deslocar 400 km mais para o sul, em Biskra, um vilarejo localizado às portas do Saara, mas as péssimas condições físicas dissuadiram-no de enfrentar uma viagem tão desconfortável. Começara, portanto, um longo período de complicados tratamentos.

Marx foi levado para tratamento ao melhor médico de Argel, o doutor Charles Stéphan (1840-1906), que lhe prescreveu arseniato de sódio durante o dia e uma mistura de xarope e opiáceos à base de codeína para poder repousar à noite. Estes também o forçaram a reduzir os esforços físicos ao mínimo e de não desenvolver “qualquer tipo de trabalho intelectual, exceto uma ou outra leitura de distração”. Apesar disso, em 6 de março a tosse tornou-se ainda mais violenta, provocando-lhe sucessivas hemorragias. Marx foi, portanto, proibido de sair do hotel e mesmo de conversar: “agora paz, solidão e silêncio são para mim um dever cívico”. Pelo menos, escreveu a Engels, entre os remédios “o doutor Stéphan, como o meu querido doutor Donkin [de Londres], não se esqueceu do conhaque”.

A terapia mais dolorosa consistiu num ciclo de dez injeções. Marx conseguiu realizá-la graças à ajuda de outro paciente que, afortunadamente, era um jovem farmacêutico. Por meio de numerosas aplicações de colódio sobre o peito e as costas e com a sucessiva incisão das bexigas que se criaram, o senhor Casthelaz conseguiu drenar, um pouco de cada vez, o líquido em excesso nos pulmões.

Reduzido a condições penosas, Marx começou a se lamentar pela eleição de tal viagem. Ao genro Lafargue, queixou-se da falta de sorte, posto que “desde a [sua] partida de Marselha”, na Costa Azul, o outro destino que havia considerado para passar o inverno, “o tempo estava magnífico”²⁷. Na segunda metade de março, confidenciou à filha Jenny: “com esta expedição, insana e mal pensada, voltei exatamente ao mesmo estado de saúde no qual me encontrava quando parti [de Londres]”. Marx lhe confessou também de ter alimentado dúvidas sobre aquela jornada em um lugar tão distante, mas que Engels e Donkin estavam inflamados de furor africano, mesmo sem possuírem, nem um, nem outro,

²⁷ Karl Marx a Lafargue, 20 de março de 1882 (*ibidem*, p. 177). Ele adiciona: “mas o sol africano e o ar milagroso foram uma ideia pela qual não me sinto responsável”.

as informações adequadas²⁸. Na sua opinião, “a coisa certa teria sido informar-se antes de se aventurar em tal ‘caçada ao ganso selvagem’”²⁹.

Em 20 de março, Marx escreve a Lafargue que o tratamento havia sido temporariamente suspenso, pois, tanto sobre o tórax quanto sobre as costas, não lhe havia restado sequer um ponto seco. A visão de seu corpo lhe havia recordado aquela de “uma plantação de melões em miniatura”. O sono, contudo, estava “retornando, pouco a pouco”, provocando-lhe um grande alívio: “quem nunca sofreu de insônia não pode entender o bem estar que se experimenta quando o terror das noites sem repouso começa, finalmente, a diminuir”³⁰.

Sua angústia cresce, infelizmente, em consequência da explosão noturna das bolhas, da obrigação de ficar enfaixado e da proibição absoluta de se coçar. Tendo conhecimento, por meio dos boletins meteorológicos que, subseqüentemente à sua partida, o tempo na França “havia estado magnífico” e lembrando a previsão inicial de uma rápida recuperação, Marx comunicou a Engels que “um homem não deveria nunca se iludir com visões demasiado otimistas”³¹. Infelizmente, de fato, “para uma mente sã em um corpo são, havia ainda por fazer”³².

As dores de Marx não concerniam somente ao corpo. Ele se sentia só e à sua filha Jenny escreveu que “nada seria mais encantador do que Argel, sobretudo do que a zona rural nos arredores da cidade [...] – considerando estar com boa saúde –, se tivesse ao meu redor todos os que me são caros, especialmente os netos. [...] Seria como em *As mil e uma noites*”³³. Em uma carta seguinte, ele lhe confidenciou que gostaria de ter assistido ao encantamento de Johnny, o mais velho deles, “diante dos mouros, dos árabes, dos negros, em resumo, desta Babel, e dos costumes (em sua maior parte poéticos) deste mundo oriental, mesclado com o ‘civilizado’ francês e com o entediante britânico”³⁴.

A Engels, companheiro com o qual dividia tudo, revelou ter “profundos ataques de melancolia, similares aos do grande Dom Quixote”. Seu pensamento voltava-se sempre para a perda de sua companheira: “você sabe que poucas pessoas são mais avessas do que eu à ostentação de sentimentos; todavia, seria uma

²⁸ Karl Marx a Jenny Longuet, 16 de março 1882 (*ibidem*, p. 174).

²⁹ Karl Marx a Jenny Longuet, 27 de março de 1882 (*ibidem*, p. 179). À filha, acrescenta: “aqui entre nós: também na ilha de Wight o tempo estava adverso, mas minha saúde havia realmente melhorado [...]. Em Londres, porém, a agitação de Engels (e também de Lafargue, que delirava e sustentava que os ‘passeios’, o ar fresco etc. eram tudo de que eu estava precisando) me perturbou. Sentia que não podia aguentar por mais tempo; daí minha impaciência de ir embora de Londres a todo custo! Pode-se também matar por afeto verdadeiramente sincero; [...] em casos similares, nada é tão perigoso para um convalescente!” (*idem ibidem*).

³⁰ Karl Marx a Paul Lafargue, 20 de março de 1882 (*ibidem*, pp. 176-177).

³¹ Karl Marx a Friedrich Engels, 1º de março de 1882 (*ibidem*, p. 171).

³² Karl Marx a Friedrich Engels, 28-31 de março de 1882 (*ibidem*, p. 181).

³³ Karl Marx a Jenny Longuet, 16 de março de 1882 (*ibidem*, p. 174).

³⁴ Karl Marx a Jenny Longuet, 27 de março de 1882 (*ibidem*, p. 179).

mentira não admitir que o meu pensamento está preponderantemente absorvido na recordação da minha mulher, uma parte tão grande da melhor parte da minha vida!”³⁵. Para distraí-lo da dor do luto havia, contudo, o espetáculo da natureza ao seu redor. Ele afirmou nunca ficar “cansado de olhar o mar em frente à [sua] varanda” e de estar encantado pelo “maravilhoso clarão da lua sobre a baía”³⁶.

Marx estava muito aflito também devido ao forçado distanciamento de qualquer atividade intelectual diligente. Desde o início de sua peregrinação, sempre foi consciente de que aquela jornada envolveria “uma enorme perda de tempo”, mas terminara por aceitar as circunstâncias após haver compreendido que a “maldita doença [... estava] danifica[ndo] também a mente do enfermo”³⁷.

Escreve a Jenny que, em Argel, a realização de “qualquer trabalho estava fora de questão, até mesmo a correção de *O Capital*” para a terceira edição alemã. Sobre a situação política da época, limitou-se a ler apenas notícias telegráficas de um modesto jornal local, *Le Petit Colon*, e do único jornal operário que lhe chegava do velho continente, *L'Égalité*, sobre o qual sublinhou, com o costumeiro sarcasmo, que aquilo “não podia ser considerado um jornal”.

As suas cartas da primavera de 1882 mostram o quanto ele era “ansioso de voltar a ser ativo e de abandonar esta estúpida profissão de inválido”³⁸, para poder dar fim àquele tipo de “existência inútil, vazia e, ainda por cima, dispendiosa!”³⁹. A Lafargue disse, mais tarde, estar empenhadíssimo em não fazer nada para sentir-se imbecil⁴⁰. Deste testemunho parece transparecer também o temor de não se imaginar mais apto a retornar à sua existência habitual.

A progressiva pressão de todos esses acontecimentos desfavoráveis impediu Marx de compreender, a fundo, a realidade argelina; muito menos, como Engels esperava, foi-lhe possível estudar as características da “propriedade comunal entre os árabes”⁴¹. Ele já se interessava, ao longo dos estudos de história da propriedade fundiária e das sociedades pré-capitalistas, realizados a partir de 1879, sobre a questão da terra na Argélia durante a dominação francesa. Marx

³⁵ Karl Marx a Friedrich Engels, 1º de março de 1882 (*ibid.*, pp. 170-171).

³⁶ Karl Marx a Friedrich Engels, 4 de abril de 1882 (*ibidem*, p. 183).

³⁷ Karl Marx a Pëtr Lavrov, 25 de janeiro de 1882 (*ibidem*, p. 148).

³⁸ Karl Marx a Jenny Longuet, 6 de abril de 1882 (*ibidem*, p. 183).

³⁹ Karl Marx a Friedrich Engels, 20 de maio de 1882 (*ibidem*, p. 210).

⁴⁰ Cf. Paul Lafargue a Friedrich Engels, 19 de junho de 1882 *In*: F. Engels, P. Lafargue & L. Lafargue (1959, p. 87).

⁴¹ Cf. Friedrich Engels a Eduard Bernstein, 22 de fevereiro de 1882 *In*: Marx & Engels (2008, p. 168). Lafargue então certamente exagerou quando afirmou que “Marx retornou com a cabeça cheia de África e árabes. Aproveitou sua estada em Argel para devorar sua biblioteca, porque parece que leu um grande número de obras sobre a condição dos árabes”, Paul Lafargue a Friedrich Engels, 16 de junho de 1882 *In*: Engels, P. e L. Lafargue (1959, p. 83). É muito mais verossímil, como observado por Badia, que Marx não poderia “aprender muita coisa sobre a situação social e política da colônia francesa. Pelo contrário, [as suas] cartas de Argel testemunham sua curiosidade multiforme” (Badia, 1997, p. 13).

copiara, em um de seus cadernos de resumos, algumas partes sobre a importância da propriedade comunal antes da chegada dos colonizadores franceses, assim como as transformações introduzidas por estes, do texto do historiador russo Maksim Kovalevskij, *A propriedade comunal da terra: causas, desenvolvimento de consequências de sua decomposição*:

a constituição da propriedade privada da terra (aos olhos dos burgueses franceses) é uma condição necessária para qualquer progresso nas esferas política e social. A posterior manutenção da propriedade comunal “como forma que suporta as tendências comunistas nas mentes” [Debatidos na Assembleia Nacional, 1873] é perigosa seja para a colônia, seja para a pátria. A distribuição da propriedade entre os clãs é encorajada, até mesmo prescrita; antes de tudo, como meio para enfraquecer as tribos subjugadas que, todavia, estão permanentemente sob o impulso da revolta e, em segundo lugar, como único modo para uma posterior transferência da propriedade fundiária das mãos dos nativos para as dos colonizadores. Esta mesma política foi posta em prática pelos franceses sob todos os regimes [...]. O objetivo é sempre o mesmo: a destruição da propriedade coletiva dos indígenas e a sua transformação em um objeto de livre compra e venda, o que significa tornar mais simples a passagem final nas mãos dos colonizadores franceses⁴² (Marx, 1975, p. 405).

O projeto de lei sobre a situação argelina, apresentado no parlamento pelo deputado da esquerda republicana Jules Warnier (1826-1899) e aprovado em 1873, tinha como objetivo “a expropriação da terra das população nativas por parte dos colonizadores europeus e dos especuladores”. A desfaçatez dos franceses chegou ao “furto explícito”, isto é, à transformação em “propriedade do governo” de todas as terras não cultivadas que haviam permanecido sob o uso comum dos indígenas. Tal processo estava determinado a produzir outro importante resultado: anular o risco de resistência das populações locais. Sempre por meio das palavras de Kovalevsky, Marx sublinhou em suas anotações que:

O estabelecimento da propriedade privada e a grilagem dos colonizadores europeus [...] tornar-se-á o mais potente meio para acelerar o processo de dissolução da união dos clãs. [...] A expropriação dos árabes demandada pela lei [servia]: I) à obtenção de maior quantidade de

⁴² As palavras entre parênteses são um acréscimo de Marx, enquanto a citação dos “Annales de l’assemblée nationale du 1873”, xvii, Paris 1873, está incluída no livro de Kovalevsky. Estes excertos foram redigidos em setembro de 1879. Cf. K. Anderson (2010, pp. 219-220).

terra possível para os franceses; e II) à destruição dos vínculos naturais dos árabes com a terra, desmantelando, assim, a última força de união dos clãs e, portanto, dissolvida esta, qualquer perigo de rebelião (*ibidem*, pp. 408, 411-412).

Este tipo de “individualização da propriedade da terra” teria trazido, portanto, não apenas um enorme benefício econômico para os invasores, mas também favorecido um “objetivo político [...]: desorganizar as bases daquela sociedade” (*ibidem*, p. 412).

Precisamente em 22 de fevereiro de 1882, no jornal argelino *L'Akhbar*, foi publicada uma matéria que documentava as injustiças do sistema que tinha sido criado. Naquela época, qualquer cidadão francês poderia adquirir, em teoria, sem deixar seu país, uma concessão de mais de 100 hectares de terra argelina, a qual podia, posteriormente, revender, por 40 mil francos para um nativo. Em média, os colonos revendiam qualquer punhado de terra, adquirido por 20 a 30 francos, a 300 francos⁴³.

Devido à sua terrível saúde, entretanto, Marx não estava em condições de retornar a tais questões, nem lhe foi indicado esse texto. De qualquer forma, sua permanente sede de conhecimento não arrefeceu mesmo na presença das circunstâncias mais adversas. Depois de haver explorado a zona limítrofe ao seu hotel, onde estava em curso uma vasta obra de reconstrução de casas, ele notou que “embora os operários encarregados desta obra sejam homens sadios e naturais do local, após os primeiros três dias de trabalho já se encontram abatidos pela febre. Parte de seu salário é, portanto, destinada à dose diária de quinino, fornecida a eles pelos empreendedores”⁴⁴.

Entre as observações mais interessantes que conseguiu resumir nas 16 cartas redigidas às margens meridionais do Mediterrâneo⁴⁵, algumas também formuladas à luz de uma visão ainda em parte colonial, destacam-se aquelas sobre as relações sociais entre os muçulmanos.

Após ter ficado profundamente impressionado com o porte dos árabes – a propósito da qual escreve: “mesmo o mais pobre dos mouros supera o maior comerciante europeu ‘*art de se draper*’ *dans son cap* [na arte de cobrir-se com seu

⁴³ A propósito, cf. Vesper (1995, pp. 33-34), que traz trechos do artigo *Les Concessions*, apresentado sobre o cotidiano local.

⁴⁴ Karl Marx a Paul Lafargue, 20 de março de 1882 In: Marx & Engels (2008, p. 176). Marx acrescenta que “se pode observar o mesmo costume em diversas regiões da América do Sul”.

⁴⁵ Esse número refere-se apenas às missivas conservadas. Na verdade, Marx escreveu outras. De fato, uma parte daquelas endereçadas à filha Eleanor foram, infelizmente, perdidas: “de Argel, escrevi-me longas cartas. Muitas dessas já não possuo mais, pois, segundo seu desejo, enviei-as também a Jenny e essa, depois, devolveu-me apenas umas poucas” (Eleanor Marx In: Enzensberger, 1977, pp. 452-453).

manto] e de manter uma compostura natural, elegante e digna”⁴⁶ – e com a mistura existente entre suas classes sociais, na metade de abril, Marx contou à filha Laura que havia visto alguns árabes jogando cartas, “vestidos de forma pretensiosa, quase opulenta”, com outros que trajavam “camisas surradas e rasgadas”. Para um “verdadeiro muçulmano”, ele comentou:

a riqueza e a pobreza não tornam os filhos de Maomé uns diferentes dos outros. A absoluta igualdade em suas relações sociais não é influenciada por aquelas. Pelo contrário, só são notadas pelos desonestos. No que se refere ao ódio pelos cristãos e a esperança em uma vitória definitiva sobre os infiéis, seus políticos consideram, com razão, esse sentimento e essa prática de absoluta igualdade (não de riqueza e renda, mas da pessoa) como uma garantia para manter vivo um e não abandonar a outra. Ambos, no entanto, sem um movimento revolucionário, caminham para a ruína⁴⁷.

Marx também ficou maravilhado com a escassíssima presença do Estado:

em nenhuma outra cidade sede do governo central, existe um tal *laissez-faire, laisser-passer*. A polícia está reduzida ao mínimo necessário; uma insolência pública nunca vista. Na origem de tudo isso está o elemento mourisco. De fato, os muçulmanos não conhecem a subordinação. Não são “súditos”, nem “dirigidos”; nenhuma autoridade, salvo em questões políticas, mas parece que os europeus não entenderam isso⁴⁸.

Destes últimos, Marx atacou, com desdém, os violentos abusos de poder, os repetidos atos de provocação e, não menos importante, “a despudorada arrogância, a presunção e a obsessão de se vingarem como Moloch” diante de qualquer ato de rebelião da população local, sublinhando, além do mais, que relativamente aos danos produzidos pelas grandes potências na história das ocupações coloniais, “os britânicos e holandeses supera[va]m em muito os franceses”. No que concerne a Argel, ele relatou a Engels que, durante sua carreira de juiz, o amigo Fermé havia, regularmente, “visto aplicarem uma espécie de tortura [...], por parte da ‘polícia’ [...], para forçar os árabes a confessarem”, exatamente “como fazem os ingleses na Índia”, adiciona. Estes lhe haviam contado que

⁴⁶ Karl Marx a Jenny Longuet, 6 de abril de 1882 *In*: Marx & Engels (2008, p. 184).

⁴⁷ Karl Marx a Laura Lafargue, 13-14 de abril de 1882 (*ibidem*, p. 192).

⁴⁸ *Ibidem*, pp. 189-190.

Se, por exemplo, um bando de árabes perpetra qualquer atrocidade, normalmente com o objetivo de roubar, e no passar do tempo os verdadeiros autores são devidamente presos, condenados e executados, para a família de colonizadores atingida isso não basta como punição. Essa espera que ao menos uma meia dúzia de árabes inocentes venha a ser um pouco “maltratada”. [...] Quando um colonizador estabelece-se para viver, ou mesmo apenas transita por motivos de negócios, entre as “raças inferiores”, em geral considera-se ainda mais intocável do que Guilherme I, o belo⁴⁹.

Marx voltou ao assunto em outra circunstância, quando quis relatar a Engels sobre uma brutalidade perpetrada pelas autoridades francesas nos debates sobre um “pobre árabe, matador de aluguel”. Antes de ser executado, descobriu-se que ele não teria sido “fuzilado, mas guilhotinado! E isso contra os acordos! Contra qualquer promessa [...], apesar de ter sido acordada outra coisa”. Ademais:

seus pais esperavam a entrega do corpo e da cabeça, como os franceses sempre haviam permitido até agora, de forma a poder remendar a segunda ao primeiro e sepultar, portanto, “o todo”. Mas este não! Choro, gritos e maldições; pela primeira vez, as autoridades haviam recusado, negado! Se o corpo chega ao paraíso agora, Maomé questionará: “onde deixou a cabeça?”; ou então: “o que aconteceu para a cabeça estar separada do corpo?” [Dirá] “não é digno do paraíso. Vá-se com aqueles cães dos cristãos!”. , assim, os pais choram e se desesperam⁵⁰.

Ao lado dessas observações sociais e políticas, suas cartas incluíam também relatos de costumes. À sua filha Laura, narra uma breve história que o havia divertido muito, dado a pessoa prática que era:

Sobre as águas turbulentas de um rio, encontra-se um comandante que espera, com seu pequeno barco. Chega um filósofo, que deseja chegar à outra margem, e sobe a bordo. Eis o diálogo que se segue:

Filósofo: Barqueiro, você sabe História?

Barqueiro: Não!

Filósofo: Então perdeu a metade da sua vida.

E ainda o filósofo: E estudou matemática?

Barqueiro: Não!

⁴⁹ Karl Marx a Friedrich Engels, 8 de abril de 1882 (*ibidem*, pp. 186-187).

⁵⁰ Karl Marx a Friedrich Engels, 18 de abril de 1882 (*ibidem*, pp. 196-197).

Filósofo: Então perdeu mais da metade da sua vida.

Essas palavras apenas haviam acabado de sair da boca do filósofo e o vento virou o barco e ambos, barqueiro e filósofo, viram-se lançados à água.

Então o barqueiro disse: Você sabe nadar?

Filósofo: Não!

E o barqueiro: Então perdeu a vida inteira⁵¹.

Marx comentou jocosamente: “isto lhe dará uma ideia básica sobre as coisas árabes”⁵².

Após outros dois meses de sofrimentos, as condições de Marx melhoram e o retorno para França torna-se finalmente possível. Antes de partir, compartilha com Engels uma última surpresa: “devido ao sol, tirei a barba de profeta e a peruca que tinha na cabeça, mas – posto que, segundo minhas filhas, estou melhor assim – tirei uma fotografia antes de sacrificar os cabelos a um barbeiro argelino”⁵³. Foi nesta circunstância, portanto, que foi tirada sua última instantânea. A imagem é completamente diferente do perfil rígido de tantas estátuas erigidas nas praças das capitais do “socialismo real”, isto é, da qual o poder escolheu, portanto, para representa-lo. Seus bigodes, à maneira de suas ideias, não haviam perdido a cor da juventude, e seu rosto, apesar das grandes amarguras da vida, apresentava-se ainda benevolente, modesto e sorridente⁵⁴.

3. Um republicano no principado

Mais uma vez, Marx encontrou-se atormentado pelo tempo ruim. Durante os “últimos dias africanos”⁵⁵, sua saúde foi posta à prova com a chegada do vento siroco, e também a viagem a Marselha, onde desembarcou em 5 de maio, dia de seu sexagésimo quarto aniversário, foi particularmente turbulenta. Como revelou à filha Eleanor, a travessia ocorreu em péssimas condições meteorológicas: “uma violenta tempestade transformou minha cabine [...] em um autêntico túnel de vento”. Chegado ao destino, o navio a vapor não atracou no píer, e os passageiros foram transportados em barcas à doca, “para depois passar, com

⁵¹ Karl Marx a Laura Lafargue, 13-14 de abril de 1882 (*ibidem*, p. 193).

⁵² *Idem ibidem*.

⁵³ Karl Marx a Friedrich Engels, 28 de abril de 1882 (*ibidem*, p. 199).

⁵⁴ Marx disse que, embora não tivesse tido “um dia apenas de paz completa”, nas oito semanas prévias ao encontro com o fotógrafo havia “conseguido, uma vez mais, tirar o melhor partido de uma situação ruim” (*ibidem*). Engels ficou muito contente com a aparência do amigo e escreveu: “em Argel [Marx] tirou uma fotografia e seu aspecto voltou, de fato, àquele de outros tempos” (Friedrich Engels a August Bebel, 16 de maio de 1882 *In: Marx & Engels*, 2008 p. 207). Cf. também Vesper (1995, pp. 130-135).

⁵⁵ Karl Marx a Friedrich Engels, 8 de maio de 1882 *In: Marx -& Engels* (2008, p. 201).

satisfação adicional deles, várias horas em uma fria e ventosa aduana-purgatório, antes de retomar a viagem para Nice”. Estas atribuições extras foram deletérias para Marx, visto que, como escreve com seu habitual sarcasmo, “estragaram novamente minha máquina” e o obrigaram, apenas desembarcado em Monte Carlo, a voltar “às mãos de um Asclépio”⁵⁶.

A pessoa a quem confiou seu tratamento foi o doutor Kunemann (1828-?), um ótimo médico originário da Alsácia, especialista em enfermidades pulmonares⁵⁷. Infelizmente, descobriu que a bronquite tornara-se crônica e, para terror de Marx, “a pleurite havia voltado”⁵⁸. Os deslocamentos haviam se revelado, mais uma vez, deletérios, e Marx comentou com Engels, utilizando, como soía fazer, referências literárias: “o ‘destino’ revelou-se com horrível coerência, quase como nas tragédias [... de Amandus] Müllner” (1774-1829), o dramaturgo alemão em cujas obras esse elemento exerce um papel determinante na existência humana. Fez-se indispensável, então, uma nova série de quatro tratamentos vesicantes, realizados entre 9 e 30 de maio.

Devendo, necessariamente, recuperar-se para poder novamente partir, Marx passa três semanas no principado de Mônaco. Suas descrições do ambiente que o circundava mesclam grande espírito de observação e crítica social. Ele comparou Monte Carlo a Gérolstein, o minúsculo Estado imaginário onde o compositor Jacques Offenbach (1819-1880) ambientara a ópera *La Gran-Duchessa di Gérolstein*.

Durante sua estada, Marx foi muitas vezes à sala de leitura do famoso Cassino, que oferecia uma boa seleção jornais internacionais, e relatou a Engels que seus “companheiros de refeição no Hôtel de Russie” e, mais em geral, o público que se encontrava na cidade, “estavam amis interessados no que acontece nas salas de jogo do cassino”. As cartas desse período alternam a observação anedótica sobre os diálogos de algumas pessoas que conheceu – como “um filho, muito intratável, da Grã Bretanha” que estava “acerbo e nervoso” porque havia “perdido um discreto número de dobrões de ouro e absolutamente decidido a ‘afanar’ qualquer um” – com comentários sardônicos: “não compreende[u] que a deusa da Fortuna não se deixa intimidar nem mesmo pela vilania britânica”⁵⁹.

O retrato mais incisivo daquela realidade, que ele tanto estranhava, ofereceu à filha Eleanor, em uma carta escrita pouco antes de partir:

⁵⁶ Karl Marx a Eleanor Marx, 28 de maio de 1882 (*ibidem*, p. 212).

⁵⁷ Cf. Karl Marx a Friedrich Engels, 5 de junho de 1882 (*ibidem*, p. 217).

⁵⁸ Karl Marx a Friedrich Engels, 20 de maio de 1882 (*ibidem*, p. 209). Marx não contou às filhas porque teriam se “preocupado em vão”, informando apenas a Engels “sobre os últimos acontecimentos” (*ibidem*, p. 208).

⁵⁹ Karl Marx a Friedrich Engels, 8 de maio de 1882 (*ibidem*, p. 202.)

À mesa de refeições e nos cafés, fala-se e sussurra-se quase exclusivamente a respeito das mesas da roleta e do *Trente et quarante*. Ocasionalmente alguém vence alguma coisa, como os 100 francos ganhos por uma jovem senhora, mulher de um diplomata russo [...], que, pelo contrário, perdeu seis mil; às vezes um ou outro não tem mais dinheiro para a viagem de volta. Outros ainda perdem no jogo imensas fortunas de família. São pouquíssimos os jogadores que conseguem arrebatar uma parte do butim [...] e estes são quase exclusivamente os ricos. Aqui não podem entrar nem a razão, nem o cálculo; ninguém pode depositar confiança em favor da sorte com o mínimo de confiabilidade, a não ser que possua uma considerável soma para arriscar⁶⁰.

O frenesi que exalava no ar não se confinava aos salões de jogo e ao horário noturno, mas impregnava toda a cidade e o dia inteiro de seus visitantes. Em uma zona adjacente ao cassino, por exemplo, encontrava-se

um quiosque onde, todos os dias, destacava-se um manifesto, não impresso, mas escrito a mão, assinado com as iniciais do autor. Por 600 francos ofertavam-se, preto no branco, os segredos da ciência para vencer um milhão de francos apostando mil [...]. No rastro dessa armadilha para tolos registram-se histórias de todo inverossímeis. A maior parte dos jogadores e das jogadoras acredita que nesses jogos de puro azar há algo de científico. Os senhores e as senhoras amontoam-se diante do Café de Paris, ou nos bancos de seu interior, com a cabeça pendida sobre pequenas tabelas impressas, rabiscando e calculando, enquanto um explica ao outro o seu “sistema” preferido, o motivo pelo qual é oportuno jogar em “série” etc. Parece que observo internos de um manicômio⁶¹.

Enfim, para Marx era evidente que “a base econômica de Mônaco-Gerolstein é o cassino; se fechasse amanhã, seria o fim para Mônaco-Gerolstein!”. Ele afirma que sem a existência desse último, “nem Nice, exclusiva como o mundo de aventureiros que passa[va]m ali os meses do inverno, [teria] continu[ado] a ser uma lugar de moda [...]. e com tudo isso, esta casa de jogo para tão infantil em comparação com a Bolsa!”.

⁶⁰ Karl Marx a Eleanor Marx, 28 de maio de 1882 (*ibidem*, p. 213).

⁶¹ *Ibidem*, p. 214. O engenheiro inglês Joseph Jagers descobriu, entretanto, o sistema para quebrar a banca, sem recorrer a qualquer sistema científico, mas estudando, simplesmente, uma disfunção mecânica. Em 1873, ele dá-se conta da existência de uma roleta mais desbalanceada que as outras, na qual nove números saíam mais frequentemente. Ele consegue ganhar um milhão e meio de francos antes que o cassino percebesse o defeito e providenciasse seu reparo com uma simples manutenção.

Após o último tratamento vesiculante, o doutor Kunemann deu alta a Marx e lhe concedeu a permissão de voltar a viajar, aconselhando-o, contudo, a “ficar uns dois dias em Cannes, porque assim o requeria a drenagem das feridas produzidas”. Na exclusiva localidade francesa, ele traçou um balanço do período transcorrido na Costa Azul:

repousei o mês inteiro nesse covil de aventureiros refinados e ociosos. A natureza é esplêndida, mas no que tange ao resto, é um cafundó enfadonho. Não há nenhuma “massa” plebeia, com exceção dos garçons do hotel e dos cafés e dos serviçais, que pertencem ao subproletariado⁶².

As condições climáticas mais adversas continuaram a exacerbar-se e voltar-se contra ele. Durante os três dias transcorridos em Cannes, a pequena cidade foi, excepcionalmente, atingida por “um forte vento (ainda que quente) e redemoinhos de poeira”, dos quais se ocupou “toda a imprensa local da Riviera”. Marx reagiu com autoironia, brincando com Engels: “até a natureza possui certo humor filisteu (como – já humoristicamente antecipado no Antigo Testamento – o da serpente que se nutre de lama, ou mesmo como o da dieta de terra dos vermes de Darwin)”.

Por fim, na mesma carta, Marx deteve-se na descrição das últimas recomendações recebidas do médico: “comer bem e muito, ‘acostumar-se’ mesmo contra a própria natureza; ‘beber algo bom’; distrair-se com viagens [...]; pensar o menos possível”. Ele teve de comentar que “seguindo estas ‘instruções’, estou bem no caminho para a estupidez, e não me livre nem mesmo do catarro brônquico”. A modo de consolação, recordou ao amigo que o esperava em Londres que “foi a bronquite que mandou o velho Garibaldi para ‘o eterno repouso’”. De qualquer forma, ele afirmou estar convicto de que, “em uma certa idade, é completamente indiferente para o que é ‘enviado para a eternidade’”⁶³.

Cerca de quatro meses desde sua partida, em 7 de junho, Marx estava habilitado para pegar o trem que, no dia seguinte, levá-lo-ia à casa da filha em Argenteuil. Antes de empreender a viagem, solicitou a esta última não se preocupar com sua chegada – “até hoje, sempre reconheci que para mim não há coisa pior do que alguém estar a me esperar na estação” – e de não anunciar seu retorno a nenhum de seus companheiros, nem mesmo a Lafargue. Ele ainda tinha “necessidade de tranquilidade absoluta”⁶⁴ e, como comunicou também a Engels, sentia

⁶² Karl Marx a Friedrich Engels, 5 de junho de 1882 (*ibidem*, p. 216).

⁶³ *Ibidem*, pp. 217-218.

⁶⁴ Karl Marx a Jenny Longuet, 4 de junho de 1882 (*ibidem*, p. 216).

que era “ainda necessário reduzir ao máximo o trato com as pessoas”⁶⁵. O gigante estava cansado, sentia estar próximo do fim de seu caminho e escreveu a Jenny palavras similares àsquelas de todos os comuns mortais: “por ‘tranquilidade’ entendendo ‘a vida doméstica’, a ‘balbúrdia das crianças’, aquele ‘mundo microscópico’ mais interessante do que o ‘macroscópico’”⁶⁶.

Logo após a chegada à Argenteuil, Marx comparou sua existência à de um “detent[o] em liberdade condicional”, visto que, como era habitual a esse tipo de prisioneiro, também devia sempre “apresentar-se ao médico mais perto da [sua] próxima temporada turística”⁶⁷. O médico da casa Longuet, Gustave Dourlen, conhecia bem Marx e aconselhou-o a “experimentar, em alguma semana, as águas sulfurosas de Enghien[-les-Bains]”⁶⁸, uma localidade nos arredores onde poderia consultar o doutor Feugier (?).

O clima, ainda muito instável, não permite o início imediato da cura e concorre, além disso, para torná-lo bastante doloroso devido a “um reumatismo muscular na altura do quadril”⁶⁹.

Somente nos primeiros dias de julho, Marx pôde finalmente, com certa regularidade, tomar os banhos sulfurosos, tratamento que lhe trouxe um grande benefício. Com o frequente tom sarcástico, assim descreveu, para Engels, as operações a que se submetia repetidamente:

Na sala de inalação, o ar é denso de vapores sulfurosos; aqui se permanece por 30-40 minutos; a cada cinco minutos, sentados em uma mesa, aspira-se um vapor carregado de um enxofre especial pulverizado [...]. Todos somos envoltos da cabeça aos pés, como múmias, em uma borracha elástica; depois disso, marcha-se, um atrás do outro, em volta da mesa: cena inocente do inferno dantesco⁷⁰.

⁶⁵ Karl Marx a Friedrich Engels, 5 de junho 1882 (*ibidem*, p. 218). Frequentemente, as cartas de Marx são ricas em referências literárias. Neste caso, ele faz alusão à obra de Adolph von Knigge (1752-1796), intitulada, justamente, *Sobre como tratar com as pessoas* (*Über den Umgang mit Menschen*).

⁶⁶ Karl Marx a Jenny Longuet, 4 de junho de 1882 (*ibidem*, p. 216).

⁶⁷ Karl Marx a Friedrich Engels, 9 de junho de 1882 (*ibidem*, p. 218).

⁶⁸ *Idem ibidem*. Como relatou Engels, “em relação às suas próximas peregrinações, os médicos é que decidirão”, Friedrich Engels a Friedrich Sorge, 20 de junho de 1882 (*ibidem*, p. 222).

⁶⁹ Karl Marx a Friedrich Engels, 24 de junho de 1882 (*ibidem*, p. 225). Sobre as péssimas condições meteorológicas que o perseguiram mesmo depois de haver retornado da casa filha, ver o que Lafargue observou: “os parisienses estão desesperados, nunca haviam tido um junho como este. Portanto, é terrível pensar que está na Inglaterra. Marx carrega o tempo ruim. Disse-me que onde foi até agora, houve um lamento geral acerca do tempo, apenas chega e se senta a uma mesa: ontem estava ótimo, hoje, miserável. ‘É culpa minha’ – dizia Marx – ‘levo o tempo ruim comigo’. Se fosse visto na Idade Média, teria sido levado à fogueira como feiticeiro”, Paul Lafargue a Friedrich Engels, 16 de junho de 1882 *In*: Engels, P. e L. Lafargue (1959, p. 85).

⁷⁰ Karl Marx a Friedrich Engels, 4 de julho de 1882 *In*: Marx & Engels (2008, p. 230).

A rotina dos tratamentos termais foi acompanhada do tempo transcorrido com a família da filha, sobretudo com os netos. Na volta de Enghien-les-Bains, após haver repousado, à tarde, ia regularmente fazer “uma caminhada e umas voltas com as crianças, com conseqüências sobre a audição e a visão (para não falar do intelecto) ainda muito mais nocivas do que aquelas experimentadas com o Hegel da *Fenomenologia [do espírito]*”.

Todavia, não obstante os esforços e seu máximo empenho, o catarro bronquial não havia ainda “dado seu último suspiro” e os médicos sugeriram a Marx prosseguir o tratamento até a metade de agosto. No geral, porém, suas condições estavam melhores e no início do mês até teve um encontro com alguns dirigentes do movimento de trabalhadores parisiense. À reunião, tomaram parte José Mesa (1840-1904), Lafargue, Gabriel Deville (1854-1940) e Jules Guesde (1845-1922), e ele relatou para Engels que, após vários meses, “era a primeira vez que [havia] consentido em uma reunião desse tipo. É sempre o discurso animado, a conversa afiada, que me cansam... *post festum*”⁷¹.

Marx realizou “a última peregrinação na sala de inalação” em 20 de julho do mesmo mês. Na visita de despedida do doutor Feugier, este lhe disse que “o ruído do atrito pleural continua[va] no *status quo*, circunstância já prevista”. De acordo com o colega Dourlen, ele aconselhou ir ao Lago de Genebra, “de onde chegam notícias meteorológicas favoráveis”, na esperança que “os últimos traços do [...] catarro brônquico pudesses desaparecer sozinhos”⁷².

Desta vez, Marx, não podendo se expor “sozinho aos riscos de uma viagem”, foi escoltado pela filha Laura, à qual advertiu, comparando-se ironicamente ao ismaelita Rashid ad-Din Sinan (1132/1135–1192), o líder da seita dos Assassinos que assumiu uma função importante à época da Terceira Cruzada, que era seu dever “acompanhar o velho da montanha”⁷³.

Antes de partir, Marx recebeu uma carta de um correspondente parisiense de vários “jornais teutônicos”. Este, que se declarara seu “humilde e devoto servo”, havia lhe pedido uma entrevista, argumentando como motivação “que todos os círculos da ‘sociedade’ alemã estavam ansiosos por receber notícias oficiais sobre [seu] estado de saúde”. Marx relatou a Engels que, “naturalmente, não [havia] respondido àquele escriba lambe-botas”⁷⁴.

⁷¹ Karl Marx a Friedrich Engels, 3 de agosto de 1882 (*ibidem*, pp. 234-235).

⁷² Karl Marx a Friedrich Engels, 21 de agosto de 1882 (*ibidem*, p. 243). Engels, nesse ínterim, escreve a Jenny: “temos todos os motivos para estarmos animados com as melhoras que vieram, não importa como, tendo em conta o clima adverso que o perseguiu obstinadamente e de três pleurites, duas delas muito graves. [...] Um outro tanto de Enghien ou de Cauterets para debelar os resíduos da bronquite e depois um tratamento climático nos Alpes ou nos Pirineus irão pô-lo completamente em forma e lhe permitirão retomar o trabalho”, Friedrich Engels a Jenny Longuet, 27 de agosto de 1882 (*ibidem*, pp. 248-249).

⁷³ Karl Marx a Laura Lafargue, 17 de junho de 1882 (*ibidem*, p. 220).

⁷⁴ Karl Marx a Friedrich Engels, 24 de agosto de 1882 (*ibidem*, p. 245).

A primeira etapa da viagem, empreendida apenas durante as horas diurnas a fim de “evitar qualquer motivo para recaída”⁷⁵, foi Lausanne. Marx chega com um resfriado, contraído após seu encontro, ocorrido antes da partida, com Joseph Roy (1830-1916), o tradutor de *O Capital* na língua francesa. A despeito das previsões favoráveis dos boletins do tempo, foi acolhido por um clima “úmido e relativamente frio”. Assim relata a Engels: “minha primeira pergunta ao garçom foi: desde quando chove aqui? Resposta: tem estado chuvoso apenas nos dois últimos dias (portanto, desde o momento da minha partida de Paris). Que estranho!”⁷⁶.

O destino final da viagem foi a cidadezinha de Vevey, situada na margem nordeste do Lago de Genebra. Marx escreveu a Engels que “continu[ava] a tossir”, mas que, ao mesmo tempo, tudo procedia bem: “vivemos como no país da Cocanha”⁷⁷. Sua companhia lhe fazia muita falta e tento convencer o amigo para que pudesse juntar-se a ele desde Londres. Engels, porém, estava, antes de tudo, preocupado com a gestão de todos os problemas práticos, a fim de continuar a garantir a Marx, no momento, os recorrentes tratamentos: “ficaria extremamente contente em partir para encontrá-lo, mas se me acontece qualquer coisa, ainda que temporariamente, seria um verdadeiro pandemônio para todas as nossas questões financeiras”⁷⁸. Marx compreende e expressa, mais uma vez, sua gratidão: “o altruísmo que mostra nas minhas lutas é incrível e, frequentemente, envergonho-me em silêncio”⁷⁹.

Após o retorno à casa de Laura, em Paris, ocorrido no fim do mês, Marx dirigiu-se novamente ao médico para obter “a permissão de atravessar o Canal da Mancha”⁸⁰. Este último o considerou “muito melhor [e ...] e perto de me livrar deste obstinado catarro”. Para tanto, impôs-lhe não permanecer “em Londres por mais de 15 dias ou, somente se o tempo estiver ótimo, três semanas. [...] A temporada de inverno [...] deveria] começar, em tempo, na ilha de Wight”. De qualquer forma, ironizou, dizendo ao amigo que o esperava na Inglaterra, “se o governo francês fosse informado de minha presença aqui, provavelmente me mandaria embora mesmo sem a permissão do doutor Dourlen”⁸¹.

4. “Tudo o que sei é que não sou marxista”

Em Londres, os dias passaram depressa. Em 9 de outubro, Marx escreve à

⁷⁵ Karl Marx a Friedrich Engels, 21 de agosto de 1882 (*ibidem*, p. 243).

⁷⁶ Karl Marx a Friedrich Engels, 24 de agosto de 1882 (*ibidem*, p. 245).

⁷⁷ Karl Marx a Friedrich Engels, 4 de setembro de 1882 (*ibidem*, p. 250).

⁷⁸ Friedrich Engels a Karl Marx, 12 de setembro de 1882 (*ibidem*, p. 251).

⁷⁹ Karl Marx a Friedrich Engels, 16 de setembro de 1882 (*ibidem*, p. 257).

⁸⁰ Karl Marx a Friedrich Engels, 28 de setembro de 1882 (*ibidem*, p. 265).

⁸¹ Karl Marx a Friedrich Engels, 30 de setembro de 1882 (*ibidem*, pp. 265-266).

filha Laura que sua “tosse [era] ainda cansativa”⁸² e que devia tentar “livra-se de tudo, antes de voltar a estar perfeitamente eficiente”. A chegada do outono trouxe umidade e névoa. O doutor Donkin, onde havia voltado para tratamento, recomendou-lhe transferir-se novamente para a ilha de Wight. Antes de partir, passou um dia inteiro com Engels – que escreve a Lafargue: “esteve aqui para almoçar comigo, à noite jantamos todos na casa dele e depois ficamos bebendo rum até uma da manhã”⁸³ – e, em 30 de outubro, retornou para Ventnor.

Pouco após sua chegada, entretanto, Marx piorou novamente, desta vez por causa de um reumatismo “perto da velha área da minha recorrente pleurite”⁸⁴. Foi obrigado, assim, a ver um novo médico, o doutor James Williamson, que lhe prescreveu uma medicação a base de “quinino [...], morfina e clorofórmio”⁸⁵. Ademais, a fim de que seus “passeios ao ar livre” não sofressem o influxo “da oscilação da temperatura, [fui] obrigado, de novo, a carregar nas costas o respirador, para utilizar em caso de necessidade”.

Em tais condições e após um “longo período de ofuscamento intelectual”⁸⁶, Marx acredita ser impossível voltar a se dedicar à preparação da terceira edição alemã de *O Capital* e, de fato, em 10 de novembro, escreve à filha Eleanor, que foi ao seu encontro, depois de poucos dias, com o neto Johnny: “dadas as circunstâncias, ainda não comecei a trabalhar seriamente, mas tenho me ocupado com uma coisa ou outra como uma forma de preparação”⁸⁷. Nesse período, retomou os estudos de antropologia e transcreveu algumas das páginas mais interessantes do livro *As origens da civilização e a condição primitiva do homem* [1870], de John Lubbock (1834-1913).

Engels o atualizava constantemente sobre a situação em Londres: “em sua casa está tudo bem, mas a cerveja é ruim em todos os lugares; é boa apenas aquela alemã no West End”⁸⁸, mas Marx não pôde dar-lhe em troca notícias positivas. A tosse aumentara e manifestara-se também uma fastidiosa rouquidão. Por

⁸² Karl Marx a Laura Lafargue, 9 de outubro de 1882 (*ibidem*, p. 267).

⁸³ Friedrich Engels a Paul Lafargue, 30 de outubro de 1882 (*ibidem*, p. 276). Dois dias antes, Engels escrevera a August Bebel, na Alemanha: “M[arx] partirá depois de amanhã [...]. Está em plena recuperação e, se não houver recaída da pleurite, no outono seguinte estará mais forte do que jamais esteve nestes últimos anos”, Friedrich Engels a August Bebel, 28 de outubro de 1882 (*ibidem*, p. 275). Logo depois, porém, Engels forneceu uma imagem menos otimista e mais verdadeira da situação: “[Marx] estava tão cansado de passear sem fazer nada que um novo exílio no sul da Europa teria, provavelmente, machucado seu moral tanto quanto lhe teria sido útil fisicamente. Com o advento da névoa em Londres, partiu para a ilha de Wight”. Ver Friedrich Engels a Friedrich Sorge, 15 de março de 1883 (*ibidem*, p. 360).

⁸⁴ Karl Marx a Eleanor Marx, 10 de novembro de 1882 (*ibidem*, p. 291).

⁸⁵ Karl Marx a Friedrich Engels, 11 de novembro de 1882 (*ibidem*, p. 294).

⁸⁶ Karl Marx a Friedrich Engels, 8 de novembro de 1882 (*ibidem*, pp. 286-287).

⁸⁷ Karl Marx a Eleanor Marx, 10 de novembro de 1882 (*ibidem*, p. 291).

⁸⁸ Friedrich Engels a Karl Marx, 23 de novembro de 1882 (*ibidem*, p. 301).

isso, foi novamente “condenado a permanecer recluso”, impossibilitado de deixar seu quarto, como lamentou com o amigo, “até que passe a inflamação”⁸⁹.

Em 14 de dezembro, escreve à filha Laura que “há cerca de duas semanas, devido a um catarro traqueal, estava obrigado à prisão domiciliar”. Também acrescenta que vivia “como um eremita: não vejo ninguém, salvo as visitas do doutor Williamson”⁹⁰, o qual, por causa do tempo “muito úmido e chuvoso”, não havia permitido sair “até que faça um belo dia”⁹¹.

Apesar de todas as adversidades, Marx não desistiu, o quanto lhe foi possível, de comentar os acontecimentos mais atuais e as posições dos dirigentes do movimento de trabalhadores. Disse que estava “exausto” de alguns deles pelo uso de “uma certa [...] fraseologia ultrarrevolucionária que sempre considerei ‘vazia’; uma especialidade que os nossos fariam bem em abandonar em favor dos chamados anarquistas, que, na verdade, são os pilares da ordem existente, não os criadores da desordem”⁹².

Da mesma forma, não poupou aqueles que não se mostravam capazes de conservar uma posição de classe autônoma e advertiu sobre a imperiosa necessidade, por parte dos trabalhadores, de oporem-se às instituições e à retórica do Estado. Quando, de fato, o presidente do Congresso das cooperativas e deputado Joseph Cowen – que Marx considerava “o melhor entre os parlamentares ingleses” – justificou a invasão do Egito pela Inglaterra⁹³, ele revelou à filha Eleanor sua mais completa desaprovação.

Em primeiro lugar, lançou-se contra o governo: “que beleza! Não poderia haver um exemplo mais descarado de hipocrisia cristã do que essa ‘conquista’ do Egito, uma ocupação em pleno tempo de paz!”. Ademais, mirou Cowen, que, em um discurso público, realizado em 8 de janeiro de 1883 em Newcastle, expressara sua admiração por “esta ‘ação heroica’, [pelo] ‘esplendor da [...] parada militar’” e “tinha um sorri[so], complacente, diante da encantadora cena de todos aqueles postos militares ofensivos, fortificados entre o Atlântico e o Oceano Índico e, além disso, de um império ‘afro-britânico’, que se estendia do delta do Nilo à região do Cabo”. Era o “estilo inglês”, caracterizado pelo respeito pelos “interesses da ‘pátria’”.

Para Marx, em questões de política externa, Cowen não passava do típico exemplo daqueles “pobres burgueses britânicos que, arruinando-se, assumem

⁸⁹ Karl Marx a Friedrich Engels, 4 de dezembro de 1882 (*ibidem*, p. 307).

⁹⁰ Karl Marx a Laura, 14 de dezembro de 1882 (*ibidem*, p. 311).

⁹¹ Karl Marx a Friedrich Engels, 18 de dezembro de 1882 (*ibidem*, p. 319).

⁹² Karl Marx a Laura, 14 de dezembro de 1882 (*ibidem*, p. 311).

⁹³ Marx referia-se à guerra anglo-egípcia, que, em 1882, assistiu ao confronto das forças egípcias, lideradas por Ahmad Urabi (1841-1911), com as tropas do Reino Unido. Essa foi encerrada com a batalha de Tell al-Kebir (13-14 de setembro de 1882), a qual pôs fim à chamada revolta de Urabi, iniciada em 1879. Seu resultado permitiu a criação de um protetorado inglês no Egito.

sempre maiores ‘responsabilidades’ para realizar sua missão histórica, ainda que reivindicando, em vão, contra ela”⁹⁴. Ele interessou-se fortemente também pelo aspecto econômico do acontecimento, como demonstram as oito páginas de excertos que transcreveu da matéria *Egyptian Finance*, de Michael George Mulhall (1836-1900), publicado na edição de outubro da revista londrina *The Contemporary Review*⁹⁵.

Até o fim da vida, portanto, Marx criticou, com zelo inflexível, as nações que sempre considerara as principais responsáveis pelo reacionarismo na Europa: Reino Unido e Rússia. A esta última dedicou grande atenção e, mesmo no outono de 1882, como demonstram dois dos últimos cadernos de notas redigidos por ele, interessou-se por todas as transformações ali ocorridas⁹⁶. Em particular, Marx estudou algumas obras recém-publicadas, nas quais eram analisadas as novas relações socioeconômicas surgidas após a reforma agrária de 1861, por meio da qual a servidão foi abolida. Entre os livros que sumariou, estavam *Os camponeses à época da imperatriz Catarina II* [1881], de Vasili Semevskii (1848-1916), *O artel na Rússia* [1881], de Andrej Isaev (1851-1924), *A propriedade comunal rural na província de Arcanjo* [1882], de Gerard Minejko (1832-1888) e *O futuro do capitalismo na Rússia* [1882], de Vasilij Voronkov (1847-1918); além de trabalhos mais datados, como *A questão camponesa à época de Alessandro II* [1862], de Aleksandr Skrebickij (1827-1915), e *Na periferia e na capital* [1870], de Fedor Elenev (1827-1902), que assinara sua obra sob o pseudônimo de Skaldin⁹⁷.

Naquele período, alguns artigos, surgidos em São Petersburgo, relatavam “a grande disseminação das [su]as teorias naquele país”. Ele ficou vivamente contente, uma vez que, como disse à filha: “em nenhum outro lugar meu sucesso me dá tanto prazer. Dá-me a satisfação de golpear uma potência que, junto com a Inglaterra, é o verdadeiro baluarte da velha sociedade”⁹⁸.

Alhures, sua crítica não poupava ninguém. Na França, por exemplo, depois do nascimento do Partido Operário, ocorrida em setembro de 1882, Marx lançou-se contra os maridos de suas filhas mais velhas, os quais designou para Engels, em um surto de ira: Longuet é o último proudhoniano e Lafargue é o último bakuninista; que vão ao inferno!”⁹⁹. Da mesma maneira, desancou várias

⁹⁴ Karl Marx a Eleanor Marx, 9 de janeiro de 1883 *In*: Marx & Engels (2008, pp. 332-333).

⁹⁵ Cf. IISG (The International Institute of Social History), Karl Marx - Friedrich Engels Papers, B 168, pp. 11-18.

⁹⁶ Cfr. IISG, Karl Marx - Friedrich Engels Papers, A 113 e B 167. Este último caderno contém a lista “Russo nas minhas prateleiras”, i. e., uma relação de publicações disponíveis naquele idioma na biblioteca pessoal de Marx. Essa permite deduzir sua intenção de voltar ao assunto, se tivesse tido força e tempo.

⁹⁷ Para mais informações sobre o uso desses textos por parte de Marx, recomenda-se o livro Marx & Engels (1999, pp. 597, 343, 463, 667, 603-604 e 245-246).

⁹⁸ Karl Marx a Laura Lafargue, 14 de dezembro de 1882 *In*: Marx & Engels (2008, p. 311).

⁹⁹ Karl Marx a Friedrich Engels, 11 de novembro de 1882 (*ibidem*, p. 294).

vezes aqueles que se declaravam seguidores de suas ideias sem conhecê-las e em relação a esses proferiu com ironia e presença de espírito: “tudo o que sei é que não sou marxista”¹⁰⁰.

Marx não pôde seguir de perto o desenvolvimento do movimento proletário europeu, nem continuar com sua obra científica. Se bem houvesse tentado, de todas as maneiras e com todas as forças, se restabelecer para retomar o trabalho e tivesse pedido à filha Eleanor, que foi encontrá-lo no *réveillon*, para levar consigo alguns livros: “traga-me a *Fisiologia*, aquela de [Johannes] Ranke [... e] também aquele horrível livreto de [Edward] Freeman (1823-1892) (*A história da Europa*) [1876], uma vez que substituí, para mim, a tabela cronológica”¹⁰¹, a instabilidade de sua saúde e a apreensão pelo estado físico da filha Jenny – novamente agravado após o nascimento da última filha – contribuíram para deixá-lo em condições desesperadas.

Em 6 de janeiro, reportou ao doutor Williamson, que, apenas se levantou, “foi pego, de surpresa, por uma tosse espasmódica que me fez debater-me e lutar contra o sufocamento”. Marx não tinha dúvidas acerca da verdadeira natureza de seu súbito adoecimento. Na tarde anterior, recebera uma carta com notícias terríveis sobre a saúde de sua filha primogênita: “eu estava a par da gravidade de sua doença, mas não estava preparado para o comunicado de que entrara em uma fase crítica”¹⁰². Também a Engels confessou que correria “risco de sufocar-me” e que, “no momento, a excitação nervosa” o atingia “até o pescoço”¹⁰³. À filha Eleanor conta:

creio que seja consequência de uma crise nervosa, de medo pela pequena Jenny! [...] Eu teria me precipitado imediatamente para Argenteuil, mas, assim, teria apenas imputado à pequena o peso de um hóspede doente! Ninguém, na verdade, pode me garantir que a viagem

¹⁰⁰ Esta afirmação encontra-se na carta de 2-3 de novembro de 1882 de Friedrich Engels a Eduard Bernstein, com o qual, referindo-se às escaramuças trocadas entre Marx e Lafargue, lamentou-se com estas palavras: “a isso que na França dá-se o nome de ‘marxismo’ é, na realidade, um produto muito particular” (p. 279). Essas foram repetidas em uma carta de 7 de setembro de 1890, publicada seis dias depois, endereçada à redação do *Sozialdemokrat*, cf. F. Engels (1963, p. 69) e em outras duas cartas privadas: a Conrad Schmidt, de 5 de agosto de 1890, e a Paul Lafargue, de 27 de agosto de 1890, cf. Marx & Engels (1991, pp. 465 e 478). A frase é trazida à tona de modo errado por Karl Kautsky, que sustenta que Marx a tivesse utilizado nos confrontos com este último, cf. B. Kautsky (1955, p. 90). Foi empregada, por fim, pelo tradutor de *O Capital* para o russo, German Lopatin, em uma carta para Marija Nikolaevna Ošanina, de 20 de setembro de 1883: “recorda-se quando eu dizia que o próprio Marx nunca foi marxista? Engels contou que, durante a luta de Brousse, Malone e companhia contra os outros, Marx disse uma vez, rindo: “Posso dizer apenas uma coisa: que não sou marxista!” (Enzensberger, 1977, p. 456). A propósito, cf. M. Rubel (1981, pp. 60-61).

¹⁰¹ Karl Marx a Eleanor Marx, 23 de dezembro de 1882 *In*: Marx & Engels (2008, p. 326). Marx referia-se à tabela cronológica da história mundial que havia começado a preparar no outono de 1881.

¹⁰² Karl Marx a James Williamson, 6 de janeiro de 1883 (*ibidem*, p. 329).

¹⁰³ Karl Marx a Friedrich Engels, 10 de janeiro de 1883 (*ibidem*, p. 333).

não me puniria com uma recaída, o que até o momento consegui, afortunadamente, evitar. Contudo, é excruciante não poder ir vê-la¹⁰⁴.

Deste modo, mais uma vez, para Marx teve início um período de “longo confinamento em casa”¹⁰⁵, durante o qual, à “tosse quase perene, [...] já bastante cansativa”, foram adicionadas “crises de vômito cotidianas”, que tornaram a situação quase insustentável. Todavia, a perspectiva de uma recuperação não parecia completamente extinta. Lamentou-se com Eleanor que seu estado insuportável o impedia “quase sempre de trabalhar”, mas lhe revelou também que “o médico acredita – ainda acredita e isso é significativo! – conseguir me libertar deste tormento [...]. Quem viver, verá”¹⁰⁶.

Infelizmente, um novo acontecimento dramático pôs fim às últimas esperanças de recuperação. Em 11 de janeiro, antes de completar trinta e nove anos, Jenny faleceu de câncer na vesícula. Após a partida da mulher, Marx tinha, assim, de enfrentar também a perda de uma de suas amadíssimas filhas. A notícia caiu, como uma bomba, sobre um homem já gravemente doente e marcado por uma vida de dificuldades. A narração destes momentos, realizada sucessivamente por Eleanor, testemunha, de modo dramático, as penosas circunstâncias:

Recebemos uma carta do Mouro [...], na qual ele dizia que a saúde de Jenny finalmente melhorava e que nós – Helene [Demuth] e eu – não devíamos nos preocupar. Recebemos o telegrama que anunciava a morte de Jenny apenas uma hora depois dessa carta. Parti imediatamente para Ventnor. Vi muitos momentos tristes, mas nenhum como aquele. Sentia levar para meu pai sua sentença de morte. Durante as longas horas daquela viagem angustiante, continuei a torturar o meu cérebro, pensando em como lhe comunicar a notícia. Não precisei, porém, dizer nada; minha fisionomia me traiu. O Mouro disse subitamente: “nossa pequena Jenny morreu!” – e ele queria que eu partisse imediatamente para Paris, para ajudar a cuidar das crianças. Queria ficar com ele, mas não aceitou objeções. Não estava em Ventnor nem há meia hora e já retomava, com o coração triste e confrangido, o caminho para Londres, para partir, então, imediatamente para Paris. Pelo bem das crianças, fiz o que desejava o Mouro¹⁰⁷.

Em 13 de janeiro, então, Marx também pôs-se rapidamente a caminho para retornar para casa. Antes de deixar a ilha de Wight, comunicou o motivo de sua

¹⁰⁴ Karl Marx a Eleanor Marx, 8 de janeiro de 1883 (*ibidem*, p. 330).

¹⁰⁵ Karl Marx a Friedrich Engels, 10 de janeiro de 1883 (*ibidem*, p. 334).

¹⁰⁶ Karl Marx a Eleanor Marx, 9 de janeiro de 1883 (*ibidem*, p. 332).

¹⁰⁷ A declaração de Eleanor Marx está incluída no livro de Enzensberger (1977, p. 453).

partida repentina para o doutor Williamson – “a fatal notícia da morte da minha filha mais velha” –, adicionando à despedida: “encontro um pouco de alívio em uma horrível dor de cabeça. A dor física é o único ‘torpor’ da dor mental”¹⁰⁸. Essas foram suas últimas palavras deixadas em papel.

5. Saída de cena

A reconstrução das últimas semanas de vida de Marx foi possível graças aos testemunhos feitos por membros de sua família e, sobretudo, à correspondência de Engels.

Em uma carta deste endereçada a Eduard Bernstein, apreende-se que, após o retorno de Ventnor, Marx esteve “confinado em casa devido a uma bronquite, até o momento afortunadamente leve”¹⁰⁹. Em fevereiro, Engels contou, sempre a Bernstein – convertido, naquele período, no dirigente do Partido Socialdemocrata alemão com quem ele mais assiduamente trocava notícias – que “há três semanas está tão rouco, que consegue falar pouco”¹¹⁰.

Em 16 de janeiro, Engels escreve a Laura Lafargue: “ultimamente, [Marx] passou noites insones muito duras, que lhe privaram do apetite intelectual, tanto que começou a ler catálogos de editoras em vez de romances”¹¹¹. Nesse ínterim, no dia seguinte, relata à mesma “um bom sinal [...] pôs de lado o catálogo e voltou a Frédéric Soulié” (1800-1847), um dos mais populares escritores na França, que havia previsto a revolução de 1848. Todavia, a apreensão continuava altíssima, “posto que, enquanto precisa curar os problemas mais urgentes, ou seja, os órgãos da respiração, e a cada tanto deve tomar um sonífero, termina por descuidar do resto, como, por exemplo, seu estômago”¹¹². Ainda que Marx procurasse se alimentar o máximo possível, frequentemente preferia apenas meio litro de leite, bebida que, no passado, não teria apreciado nunca, à qual adicionava rum ou *brandy*. Para mantê-lo aquecido, eram-lhe preparados escalda-pés de mostarda.

Ao fim do mês, Engels atualizou Bernstein mais uma vez: “Marx ainda não está apto para trabalhar, permanece em casa [...] e lê romances franceses. Seu caso parece muito complicado”¹¹³. Na semana seguinte, Engels escreve a Bebel, explicando-lhe que “a saúde de M[arx] não mostra a melhora que deveria”¹¹⁴. Em

¹⁰⁸ Karl Marx a James Williamson, 13 de janeiro de 1883 *In*: Marx & Engels (2008, p. 335).

¹⁰⁹ Friedrich Engels a Eduard Bernstein, 18 de janeiro de 1883 (*ibidem*, p. 336).

¹¹⁰ Friedrich Engels a Eduard Bernstein, 8 de fevereiro 1883 (*ibidem*, p. 339).

¹¹¹ Friedrich Engels a Laura Lafargue, 16 de fevereiro de 1883 (*ibidem*, pp. 343-344).

¹¹² Friedrich Engels a Laura Lafargue, 17 de fevereiro de 1883 (*ibidem*, p. 344).

¹¹³ Friedrich Engels a Eduard Bernstein, 27 de fevereiro de 1883 (*ibidem*, p. 351).

¹¹⁴ Friedrich Engels a August Bebel, 7 de março de 1883 (*ibidem*, p. 355).

10 de março, por fim, Engels comunicou a Laura logo após uma avaliação clínica do doutor Donkin: “visitou o Mouro e ficou feliz em dizer que seu veredito estava muito mais favorável do que aquele de duas semanas atrás. Disse que o Mouro não piorou em nada, antes, talvez, melhorado”. Adicionou, porém, que estava “muito fraco, porque (tinha) dificuldade de engolir”, e tinham que “obrigá-lo a comer e beber”¹¹⁵.

Os eventos rapidamente desandaram para o pior. O definhamento do corpo de Marx foi velocíssimo e a isso se somou, por fim, um abscesso pulmonar. Engels começou a se preocupar houvesse verdadeiramente chegado o momento final para o amigo de toda uma existência: “todas as manhãs, nas últimas seis semanas, quando virava a esquina, experimentava um medo mortal de que as persianas estivessem abaixadas”. Este temor tornou-se realidade às 14h45 de 14 de março de 1883.

O relato de Engels mais completo e pleno das palavras mais comoventes sobre o que aconteceu no último dia de vida de Marx foi dirigido a Sorge, o companheiro que foi secretário da Associação Internacional dos Trabalhadores, após a transferência do Conselho Geral nos Estados Unidos da América, em 1872. A este relatou:

Cheguei às 14h30, a hora que ele preferia para a visita cotidiana. A casa estava em prantos, diziam que parecia estar perto do fim. [...] Constatou-se uma pequena hemorragia, seguida de sum súbito colapso. Nossa brava e velha Lenchen, que tratou dele como nem mesmo uma mãe cuidaria do próprio filho, dirigiu-se para ao andar de cima e em seguida voltou para baixo. Disse que havia dormido e que eu podia subir. Quando entramos, ele jazia adormecido na cama, mas para nunca mais levantar-se. Não havia mais pulso, nem respiração. Em dois minutos expirara, serenamente e sem dor.

Engels compreendeu imediatamente, mesmo no imenso desconforto da perda de seu mais querido amigo, que, diante de suas irreversíveis condições de saúde, a Marx foi reservada uma morte serena. Comentou com Sorge:

Todos os eventos que ocorrem por causas naturais carregam em si a própria consolação, ainda que possam ser terríveis. Foi assim também nesse caso. Talvez, a competência dos médicos lhe pudesse ter assegurado ainda um ano de existência vegetativa; a vida de um ser impotente, que, devido ao triunfo da medicina, não morre de um só golpe, mas sucumbe pouco a pouco. Todavia, nosso Marx não o teria

¹¹⁵ Friedrich Engels a Laura Lafargue, 10 de março de 1883 (*ibidem*, p. 356).

suportado nunca. Viver com todos aqueles trabalhos incompletos diante de si, ansiando, como Tântalo, por dar-lhes fim sem poder fazê-lo, teria sido mil vezes mais amargo do que a doce morte que o surpreendeu. “A morte não é uma desgraça para aquele que morre, mas para os que ficam”¹¹⁶, costuma dizer, citando Epicuro. E ver este homem genial vegetar como uma ruína pela glória maior da medicina e para o escárnio dos filisteus que ele, quando estava com todas as suas forças, tantas vezes criticara... não, mil vezes melhor assim as coisas como ocorreram. Mil vezes melhor que, depois de amanhã, o levaremos para a tumba onde repousa sua mulher. Depois de tudo o que aconteceu anteriormente, daquilo que nem mesmo os médicos sabiam mais do que, para mim não poderia ser uma escolha¹¹⁷.

Seja como for. A humanidade agora tem uma mente a menos, a mais importante de que poderia se gabar hoje em dia. O movimento proletário prossegue o seu próprio caminho, mas lhe veio a faltar seu ponto central, aquele para o qual, automaticamente, voltavam-se franceses, russos, americanos e alemães nos momentos decisivos, a fim de receber aquele conselho claro e irrefutável que somente o gênio e o completo conhecimento de causa poderiam lhes oferecer. Os reacionários locais, os pequenos luminares e, talvez, também os impostores acharão que têm as mãos livres. A vitória final está assegurada, mas os caminhos tortuosos, as derrotas temporárias e locais – já antes inevitáveis – aumentarão mais do que nunca¹¹⁸. Bem, teremos que dar início a ela. Caso contrário, que estamos fazendo? E, de qualquer forma, estamos muito longe de perder nossa coragem¹¹⁹.

Foi precisamente o que aconteceu. Tantos outros, após a morte de Marx, levantaram suas bandeiras. Da América Latina ao Extremo Oriente, nas sedes sindicais mais pobres da periferia ou nas aulas magnas das universidades mais prestigiadas, dezenas e dezenas de milhões de trabalhadoras e trabalhadores e de jovens estudantes leram seus escritos. Trazem a consciência de sua condição de oprimidos e formularam, com o tempo, inspirações para promover novas revoltas, organizando greves movimentos sociais e partidos políticos. Lutaram pelo

¹¹⁶ A referência é à designada *Carta sobre a felicidade*, que Epicuro escreve a Meneceu.

¹¹⁷ A propósito, ver as considerações de Engels: “para mim, a morte de sua mulher, primeiro, e, em uma fase muito crítica, a de Jenny, então, contribuíram para desatar a crise final”, Friedrich Engels a Wilhelm Liebknecht, 14 de março de 1883 *In: Marx & Engels* (2008, p. 358).

¹¹⁸ Cf. as palavras de Engels, em uma carta parecida, escrita um dia antes: “o movimento seguirá por sua estrada, mas deverá dispensar a intervenção calma, oportuna e ponderada que até o momento lhe poupou muitos e cansativos desvios”, Friedrich Engels a Eduard Bernstein, 14 de março de 1883 (*ibidem*, p. 358).

¹¹⁹ Friedrich Engels a Friedrich Sorge, 15 de março de 1883 (*ibidem*, pp. 360-361).

pão e pelas rosas, contra a injustiça e pela liberdade e, assim fazendo, deram plena execução às teorias de Marx.

No curso deste longo processo – durante o qual, Marx foi estudado a fundo, transformado em ícone, embalsamado em manuais de regime, mal interpretado, censurado, declarado morto e, de tempos em tempos, redescoberto –, alguns distorceram suas ideias com doutrinas e práticas que, em vida, ele teria combatido irredutivelmente. Outros, por seu turno, enriqueceram-no, atualizaram-no e colocaram em evidência problemas e contradições, com espírito crítico similar ao que ele sempre empregou, e que ele teria apreciado.

Aqueles que hoje voltam a folhear as páginas de seus textos, ou os que se empenham em sua leitura pela primeira vez, não podem ficar menos do que fascinados por sua capacidade explicativa da análise econômica-social de Marx e cativados pela mensagem que transpira, incessantemente, de toda a sua obra: organizar a luta para pôr fim ao modo de produção burguês e pela completa emancipação das trabalhadoras e dos trabalhadores, de todo o mundo, do domínio do capital.

Referências bibliográficas

- ALEMANHA; PRÚSSIA. *Stenographische Berichte über die Verhandlungen des Reichstags*, I, Berlin 1882.
- ANDERSON, Kevin. *Marx at the Margins*. Chicago: The University of Chicago Press, 2010.
- ATTALI, Jacques. *Karl Marx*. Roma: Fazi, 2006.
- BADIA, Gilbert. “Marx en Algérie” In: BADIA, G. (org.). *Karl Marx. Lettres d’Alger et de la Côte d’Azur*. Paris: Le Temps des Cerises, 1997.
- DORNEMANN, Luise. *Jenny Marx: Der Lebensweg einer Sozialistin*. Berlin: Dietz, 1971.
- ENGELS, Friedrich. “Antwort an die Redaktion der ‘Sachsischen Arbeit-Zeitung’” In: *Marx Engels Werke*, xxii. Berlin: Dietz, 1963.
- _____. “Draft speech over the Grave of Jenny Marx” In: MARX, Karl & ENGELS, Frederick. *Collected Works*, V. 24 (1874-1883). New York: International Publishers, 1989.
- ENGELS, F.; LAFARGUE, P. & LAFARGUE, L. *Correspondence*, I, 1868-1886. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1959.
- ENZENSBERGER, Hans (org.). *Colloqui con Marx ed Engels*. Torino: Einaudi, 1977.
- GABRIEL, Mary. *Love and Capital*. New York, Boston, London: Little, Brown and Company, 2011.
- GALLISSOT, René. (org.), *Marxisme et Algérie*. Paris: Union générale d’éditions, 1976.
- HOLMES, Rachel. *Eleanor Marx: A Life*. London: Bloomsbury, 2014.

- IISG (The International Institute of Social History), Karl Marx - Friedrich Engels Papers, B 168
- IISG, Karl Marx - Friedrich Engels Papers, A 113 e B 167
- KAPP, Yvonne. *Eleanor Marx*, I, Vita familiare (1855-1883). Torino: Einaudi, 1977.
- _____. *Eleanor Marx*, II, Gli anni dell'impegno (1884-1898). Torino: Einaudi, 1980.
- KAUTSKY, B. (org.). *Friedrich Engels' Briefwechsel mit Karl Kautsky*. Wien: Danubia, 1955.
- KRÄTKE, Michael A. "Marx und die Weltgeschichte", *Beiträge zur Marx-Engels-Forschung. Neue Folge*. 2014-15.
- KRYSMANSKI, Hans J. *Die letzte Reise des Karl Marx*. Frankfurt a. M.: Westend, 2014.
- MARX, Karl. *Notes on Indian History*. Honolulu: University Press of the Pacific, 2001.
- _____. "Excerpts from M. M. Kovalevskij (Kovalevsky), Obschinnoe Zemlevladienie. Prichiny, hod i posledstviya ego razlozheniya" In: KRADER, L. *The Asiatic Mode of Production. Sources, Development and Critique in the Writings of Karl Marx*. Assen: Van Gorcum, 1975.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *Über Deutschland und die deutsche Arbeiterbewegung*. Berlin: Dietz, 1953.
- _____. *Marx Engels Werke*, XIX. Berlin: Dietz, 1962
- _____. *Marx Engels Opere*, XL. Roma: Editori Riuniti, 1973a.
- _____. *Marx Engels Opere*, XLI. Roma: Editori Riuniti, 1973b.
- _____. *Marx Engels Opere*, XLVIII. Roma: Editori Riuniti, 1991.
- _____. *Lettere 1880-1883 (marzo)* Milano: Lotta Comunista, 2008.
- _____. *Die Bibliotheken von Karl Marx und Friedrich Engels*. MEGA, 1999.
- PETERS, Heinz Frederick. *Red Jenny: A Life with Karl Marx*. New York: St. Martin's, 1986.
- RUBEL, Maximilien. "Cronologia della vita e dell'opera di Karl Marx, 1818-1883" In: *Karl Marx. Saggio de biografia intellettuale*. Prolegomini per una sociologia etica. Milano: Colibrì, 2001.
- _____. *Marx critico del marxismo*. Bologna: Cappelli, 1981.
- TSUZUKI, Chushichi. *The Life of Eleanor Marx, 1855-1898: A Socialist Tragedy*. Oxford: Clarendon Press, 1967.
- VESPER, Marlene. *Marx in Algier*. Bonn: Pahl-Rugenstein Nachfolger, 1995.
- WEISSWEILER, Eva. *Tussy Marx: Das Drama der Vatertochter*. Köln: Kiepenheuer & Witsch, 2002.

Recebido em 30 de novembro de 2016

Aprovado em 13 de junho de 2017